

Nosso camarada advogado: fragmentos biográficos sobre Benjamin Mota

ROSE DAYANNE SANTOS DE BRITO*

Resumo: O tema deste artigo é a participação de Benjamim Mota no movimento social brasileiro no início da Primeira República. Em contraposição ao tratamento ambíguo e superficial, que colaborou para enquadrar este personagem na definição de “advogado anarquista”, escolhi examinar com um olhar analítico desde o ambiente familiar, o interesse pela questão social e o ingresso no campo jurídico. Assim, através da redução da escala de análise, inspirada na micro-história, foi possível verificar aspectos não observados e desconhecidos sobre Benjamim Mota. A partir dos documentos históricos do cotidiano (jornais diários) foram encontrados dados sobre a tradição político-jurídica da sua família e os traços da sua formação intelectual.

Palavras-chave: Benjamin Mota; Anarquismo; Repressão policial; Primeira República.

Our comrade lawyer: biographical fragments about Benjamin Mota

Abstract: The theme of this article is the participation of Benjamin Mota in the Brazilian social movement during the beginning of the First Republic. In contraposition to the ambiguous and shallow treatment, which collaborated to frame this character as an “anarchist lawyer”, I chose to examine with an analytical look since the family environment, his interest for the social issue and his admission in the legal field. Thus, by reducing the scale of analysis, inspired by the micro-history, it was possible to verify unobserved and unknown aspects about Benjamin da Mota. From the daily historical papers (newspaper), data was found about the political-legal tradition in his family and his intellectual formation traces.

Key words: Benjamin Mota; Anarchism; Police repression; First Republic.



* ROSE DAYANNE SANTOS DE BRITO é doutoranda em Direito pela Università degli Studi di Roma Tor Vergata (Itália).

1. Introdução

Há vários trabalhos acadêmicos escritos sobre trajetórias de indivíduos que atuaram nos movimentos sociais durante a Primeira República. Em poucos, Benjamim Mota é citado e, quando citado, sempre aparece como coadjuvante e partícipe da história de outros anarquistas. A historiadora Edilene Toledo, em um texto sobre o militante Edmondo Rossoni, fez a seguinte observação: “Benjamin Mota defendeu também muitos outros militantes, sindicalistas, socialistas e anarquistas, ameaçados de expulsão. Uma biografia desse interessante personagem ainda está por ser escrita” (TOLEDO, 2009, p. 142).

É com a pretensão de evidenciar a história de militância desse advogado que este artigo tornar-se um desafio. O objetivo principal não é construir uma biografia tradicional, mas identificar traços históricos desse personagem a partir das narrativas dos sujeitos históricos que compartilharam com ele a luta por justiça social no Brasil. As fontes primárias serão jornais de combate e jornais operários do período¹.

O arcabouço teórico-metodológico que serviu de inspiração na execução do artigo é a micro-história, pois esta prática historiográfica auxilia a compor os fios condutores da narrativa sobre Benjamim Mota. A noção empregada

por Giovanni Levi de redução de escala e a leitura genealógica de Carlo Ginzburg sobre o paradigma indiciário influenciaram a elaboração deste texto. Nas citações dispersas sobre Benjamim Mota (encontradas em textos acadêmicos) foram verificadas visões descontextualizadas e genéricas sobre a atuação deste personagem no movimento social brasileiro. Ao examinar, por sua vez, os fatos concretos da vida pública e privada de Benjamim Mota foram encontrados detalhes e situações singulares.

Logo, foi possível fugir a indução ao erro que tende a analisar a ação dos indivíduos do começo do século XX de forma homogênea, simplista e anacrônica. Para ir além das abordagens genéricas, esta pesquisa tentou reduzir a escala de observação para verificar os fatos silenciados e as particularidades de Benjamim Mota. O resultado foi a apreciação das variações, complexidades e adaptações do pensamento e das estratégias de ação de Benjamim Mota.

Nesse sentido, este artigo tem como pressuposto o entendimento de Giovanni Levi, para quem, “o princípio unificador de toda pesquisa micro-histórica é a crença em que a observação microscópica revelará fatores previamente não observados” (LEVI, 1992, p. 139). Com base nesta linha teórica, pode-se afirmar que “a micro-história nasceu da necessidade de recuperar a complexidade das análises; da renúncia, portanto, às leituras esquemáticas e gerais, para realmente compreender como se originavam

¹ “de fato jornais e revistas não são, no mais das vezes, obras solitárias, mas empreendimentos que reúnem um conjunto de indivíduos, o que os torna projetos coletivos, por agregarem pessoas em torno de ideias, crenças e valores que se pretende difundir a partir da palavra escrita” (DE LUCA, 2005, p. 140).

comportamentos, escolhas, solidariedades” (LEVI, 2009, p. 11).

Por fim, a importância deste artigo é propiciar uma compreensão histórica sobre as formas de resistência e as estratégias de lutas deste advogado e dos movimentos sociais na Primeira República. Adota-se a perspectiva historiográfica de viés crítico, no qual reconhece que nós, historiadores, “só podemos ter acesso ao passado de forma indireta, através das imagens, necessariamente, fragmentárias e inacabadas. Desse ponto de vista o trabalho da história é interminável e, perpetuamente, aberto” (LORIGO, 2012, p. 34).

2. Narrativas sobre uma história de militância

Quem foi Benjamin Mota? A pesquisa sobre este personagem incorreu em um paradoxo inicial. Benjamin Mota é um nome recorrente nos jornais de combate do final do século XIX e início do século XX, o que indica se tratar de uma figura influente na sociedade da época, por outro lado é um nome ausente nas páginas oficiais da história do Brasil e, até mesmo, da história do direito.

Então, por que investigar os passos deste advogado é importante? Para responder esta pergunta faz-se necessário conhecer sua história. Se hoje seu nome não aparece nas Enciclopédias jurídicas, nem nas Faculdades de Direito junto aos grandes advogados da Primeira República, é porque sua história ficou à margem. Como explicar este silêncio?

“No passado, podiam-se acusar os historiadores de querer conhecer somente as “gestas dos reis”. Hoje, é claro, não é mais assim. Cada vez mais

se interessam pelo que seus predecessores haviam ocultado, deixado de lado ou simplesmente ignorado” (GINZBURG, 2006). Diante disso para obter dados sobre a vida de Benjamin Mota recorreu-se, de início, ao que os outros militantes da época diziam sobre ele.

José Romero² faz uma descrição épica e idealista de Benjamin Mota ao afirmar:

“Num pedaço de monte virgem perdido na serra de Itaqueri, numa velha casa patriarcal sobre o terreno roçado” foi que nasceu Benjamin Mota, segundo a sua própria maneira de dizer. Não podemos dizer o ano, por ignorá-lo, mas deve ter sido lá pelos de 1865, mais ou menos. Passou os seus primeiros anos numa cidade de interior, indo mais tarde para São Paulo, onde se fez homem. Frequentou seis colégios dos seis aos oito anos; com essa idade, conforme suas referências, sabia ler e escrever corretamente. Aos dez anos, ingressou num colégio protestante onde aperfeiçoou os estudos. Muito estudioso, com sede de saber, lia todos os livros que estavam ao seu alcance. Entre os que o pai possuía em sua biblioteca leu os *Opúsculos*,

² “José Romero foi um operário anarquista espanhol que se mudou para o Brasil juntamente com seus pais no final do sec. XIX. A partir de seu contato com comícios e com a imprensa libertária, tornou-se anarquista ainda na adolescência. Teve participação na fundação do *Grupo Dramático de Teatro Livre*, em 1903, e também no jornal *Novos Rumos*, fundado em 1905, durante uma reunião em homenagem aos mártires de Chicago na Federação das Associações de Classe, no Rio de Janeiro. No ano seguinte, tornou-se o responsável pelo principal jornal anarquista brasileiro de então, *A Terra Livre*, quando este mudou sua redação de São Paulo para o Rio. No ano de 1912 foi administrador do semanário anticlerical paulista, *A Lanterna*” (LAMOUNIER, 2011, p. 34).

de Alexandre Herculano, *Os Jesuítas*, de Edgar Quinete e o *Padre Belchior de Pontes*, de Júlio Ribeiro, os quais lhe mostraram toda a hediondez do jesuitismo, abrindo-lhe as portas do conhecimento para novos rumos. (ROMERO, s/d apud RODRIGUES, 1994, p. 116)

Da descrição de José Romero dados importantes foram obtidos. São Paulo é a principal localidade em que Benjamim Mota realiza as atividades ligadas à política, ao direito e ao jornalismo. Embora a pesquisa encontre os textos de Mota majoritariamente nos jornais paulistas, há referência ao seu nome e participação em jornais que circulavam no Rio de Janeiro e Curitiba.

A informação narrada acima da alfabetização de Benjamim na infância indica um aspecto incomum em uma época em que a taxa de analfabetismo na sociedade brasileira era superior a 80% da população. A referência à biblioteca do pai de Benjamim, assim como, as obras e autores que aparecem em seus livros sugere o pertencimento a uma família de letrados e com condições financeiras.

No mapeamento de Edgar Rodrigues³ sobre os indivíduos anarquistas que

³ “Pesquisador de história social, escritor e historiador autodidata, nascido no norte de Portugal em 1921, naturalizado brasileiro. Filho de um militante anarco-sindicalista português do Sindicato da Construção Civil filiado à CGT, participou da luta contra a ditadura salazarista, tendo-se exilado no Brasil em 1951. No Rio de Janeiro relacionou-se com os velhos militantes anarquistas, entre os quais José Oiticica e Edgard Leuenroth, participando das atividades do movimento e colaborando regularmente na imprensa libertária. [...] Em 1969, foi um dos presos e indiciados durante a repressão desencadeada pela ditadura militar contra os anarquistas do Centro de Estudos José Oiticica

viveram no Brasil, Coletânea *Os companheiros* (volume 1), há a seguinte descrição sobre Benjamim Mota: “Brasileiro, jornalista advogado, escritor, livre-pensador libertário. Não possuímos dados concretos para falar de Benjamim Franklin Silveira da Mota e nem esta obra comportaria sua vida, sua obra, suas convicções e suas contradições” (RODRIGUES, 1994, p. 115).

O vestígio pessoal encontrado na *Coletânea* forneceu o nome completo de Benjamim Mota e, a seguir, o escrito do militante Edgard Leuenroth⁴ foi fundamental para descobrir o exato local e ano de nascimento:

“Benjamim Franklin Silveira da Mota nasceu em Rio Claro, neste estado (São Paulo), em 2 de janeiro de 1870 e faleceu em 10 de dezembro de 1940. Aos 20 anos de idade deu início à sua atividade ininterrupta no jornalismo. Desde então, jamais deixou de militar na imprensa, ora mais ativamente, ora apenas como colaborar ocasional

do Rio de Janeiro. A pedido de publicações libertárias do Uruguai, começou a pesquisar a história do movimento operário e das lutas sociais no Brasil, escrevendo dezenas de artigos e livros sobre o assunto” (ARQUIVO DE HISTÓRIA SOCIAL EDGAR RODRIGUES).

⁴ “Edgard Frederico Brito Leuenroth, personagem importante da história do(s) anarquismo(s) no Brasil, nasceu no interior de São Paulo, em Mogi-Mirim, em 31 de outubro de 1881, quando o Brasil ainda vivia sob o regime monárquico e escravocrata. Ainda jovem, flertou com o republicanismo que dava seus primeiros passos no país, mas, em pouco tempo, se desencantou com os descaminhos da República em terras brasileiras. Em 1904, iniciou sua trajetória de militância libertária interrompida somente quando, em idade avançada, suas forças físicas de octogenário não mais lhe permitiram agitar a bandeira anarquista” (LOPREATO, 2009, p. 201).

(LEUENROTH, s/d apud RODRIGUES, 1994, p. 117).

O início da sua carreira foi no jornalismo. Mas, desde a infância, teve uma rica formação, preparo intelectual e manejo com as letras. Dos 13 anos aos 17anos, realizou Exames preparatórios para Faculdade de Direito de São Paulo, como pode ser constatado nas listas publicadas no jornal *Correio Paulistano* da época (1883-1887). Benjamim Mota foi aprovado nos exames de português, francês, geometria, aritmética, inglês e retórica.

A trajetória de Benjamim, partícipe dos movimentos sociais no Brasil desde o final do século XIX, será diametral e afastada da carreira do pai, Sr. Alfredo Silveira da Motta, bacharel em ciências jurídicas e sociais no ano de 1864 pela Faculdade de Direito de São Paulo. Alfredo Motta chegou a exercer o cargo de juiz, deputado e vereador. A atuação na vida política e jurídica não era algo inédito na família, pois “o sr. dr. Alfredo Silveira da Motta era filho do velho senador do império conselheiro José Ignacio Silveira da Motta, também lente catedrático da Faculdade de Direito desta capital [...]”⁵ (CORREIO PAULISTANO, 1907, p. 4).

Benjamim Mota contrapõe a posição política do pai nos livros *Rebeldias* (1898) e *A razão contra fê* (1900). Em um relato autobiográfico chega a afirmar: “há doze ou quatorze anos, e eu era ainda muito criança quase, meu pai conversava, discutia comigo do mesmo modo, sustentando eu as minhas ideias republicanas, que eram contrárias às suas crenças monárquicas” (MOTA, 1933, p. 129).

⁵ A redação original da fonte, ao longo de todo o artigo, foi adaptada para o português vigente.

3. Os jornais de combate: o início da carreira

Em 1890, Benjamim Mota encontra-se como redator do jornal *O Paiz*. É o que pode ser extraído da narrativa a seguir:

“Aos 20 anos de idade [Benjamim Mota] deu início à sua atividade ininterrupta no jornalismo. Desde então, jamais deixou de militar na imprensa, era mais ativamente, era apenas como colaborador ocasional. Ocupou todos os postos de redação: colaborador, redator, redator-secretário, redator-chefe, diretor, tendo sido o fundador de diversos jornais em que desenvolveu a sua atividade” (LEUENROTH, s/d apud RODRIGUES, 1994, p. 118)

Ao longo da década de 1890, os jornais operários e de combate foram utilizados como um instrumento de propagação das ideias e de reivindicação dos trabalhadores. Benjamin Mota elabora, anos depois, um resumo histórico, sobre o processo de formação do movimento social em São Paulo. Diz ele: “Interessando-me, desde 1897, pelo movimento social no Brasil, e principalmente no estado de São Paulo, com os militantes que encontrei na luta (Augusto Donati, Gigi Damiani, Campagnoli, Alcebiades Bertolotti, Estevão Estrela, George Zenker, Ambrósio Chioli, Valentin Diego, Alfredo Mari e outros nomes que me escapam) [...]” (A PLEBE, 1919, p. 4).

Entre o período de 1890 e 1897, Benjamim Mota esteve ausente de São Paulo. De acordo com o relato de José Romero: “Em 1890 foi a Paris, onde residiu quase três anos, “cujo cultivo intelectual contribuiu para a formação do meu espírito” [dizia Mota]. Na Cidade Luz conheceu vários elementos revolucionários de diversas tendências,

entre eles José Rizal, médico, de quem se tornou amigo” (ROMERO, s/d apud RODRIGUES, 1994, p. 117). Este período no exterior foi confirmado, pois é narrado, anos depois, pelo próprio Benjamim Mota: “Ausente de S. Paulo, de 1890 a 1896, parte desse tempo no estrangeiro e parte no Rio de Janeiro [...]” (A PLEBE, 1919, p. 4).

Em 1897, Benjamim Mota tornou-se o redator-chefe do jornal *O Rebate*, órgão republicano da capital paulista. Há, nesse momento, uma mudança significava de posicionamento político. De republicano, Benjamim Mota passa a vertente do socialismo libertário (anarquismo). Nas páginas do jornal, afirmava: “A República está morta porque, como a monarquia, criou privilégios odiosos; levantou templos a vadiagem, considerando os cargos de eleição popular como uma profissão rendosa [...]” (O REBATE, 01/01/1898, p. 1).

Esta postura de decepção com a República, de crítica aos privilégios e aos poderes das elites locais, indicavam a continuidade com o regime anterior (monarquista) e não uma ruptura, não houve uma adesão à “cultura da coisa pública” no Brasil. Por conseguinte, vários intelectuais da época tornaram-se críticos da República e passaram para a corrente do socialismo e anarquismo. Sobre isso, afirma o historiador Claudio Batalha:

A expectativa positiva com o novo regime foi seguida de uma igualmente grande desilusão, na medida em que este se mostrou incapaz de atender aos anseios da classe operária. Essa desilusão é um tema que aparece repetidas vezes na imprensa operária nos anos que se seguiram ao 15 de novembro de

1889. Muitos dos futuros socialistas, como o gaúcho Francisco Xavier da Costa, bem como futuros anarquistas, como os paulistas *Benjamim Mota* e Edgar Leuenroth, chegaram a essas concepções à medida que viram a República fechar as portas a toda esperança de transformação efetiva” (BATALHA, 2008, p. 173-174, grifo nosso).

Benjamim Mota faz questão de publicizar a sua nova posição política nas páginas do jornal: “Assim, desde este momento esqueçamos para sempre que fomos republicanos, porque, República, como outra qualquer forma de governo é incompatível com a sociedade nova, que, nós socialistas desejamos para o bem comum da humanidade” (O REBATE, 1898, p. 1). Esta afirmação terá implicações práticas e Benjamim Mota deixará de ser o redator-chefe d’*O Rebate* por divergência política com o fundador do jornal Júlio Ribeiro⁶.

3.1 Publicação do livro *Rebeldias*

Antes da publicação do primeiro livro de Mota, já havia comentários nas páginas dos jornais sobre a sua elaboração. A notícia circulava nos primeiros meses de 1898 e informava: “*Confissões de um Rebelde* é o título de um livro que o nosso colega Benjamin Mota, redator chefe d’*O Rebate*, está escrevendo e que será entregue, até o fim do mês de março próximo, à

⁶ Para mais informações sobre este episódio, ver: SANTOS DE BRITO, R.D. “*A República está morta*”: desilusão com a República brasileira, crítica social e adesão às ideias anarquistas (O Rebate-SP, 1897-1899). IN: Anais do VI Simpósio: Trabalho, Historiografia e Fontes Documentais. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2017, p. 380-390.

tipografia que vai imprimir” (O REBATE, 19/02/1898, p.1).

Sobre o conteúdo da obra, prosseguia o comunicado: “Nesse livro Benjamin Mota, cujo espírito revolucionário é conhecido de quantos com ele tem relações, explica longamente os motivos que o levaram a abraçar o ideal libertário, passando, portanto, para a vanguarda do socialismo” (O REBATE, 19/02/1898).

O opúsculo é publicado em 1º de maio de 1898 e a data escolhida é simbólica: o dia da comemoração da classe trabalhadora. O título do livro é *Rebeldias* e Benjamin o envia a jornais e a amigos, com a pretensão de divulgá-lo. Até aqueles que divergiam da orientação anarquista, não deixaram de reconhecer o mérito do livro, uma nota anônima no jornal *O Rebate* ratifica isso: “nós, pensando diversamente de Benjamin Mota, em certos pontos, somos, entretanto, obrigados a concordar que os diversos capítulos do opúsculo encerram muitas verdades” (O REBATE, 03/06/1898).

A obra *Rebeldias* passa a ser comercializada e é possível verificar vários comentários circulando nos jornais da época. A extensão desta obra é tamanha que recentes estudos historiográficos relatam que Benjamin, até a década de 1930, era um dos anarquistas brasileiros mais lidos. Conforme descrição a seguir: “Os autores anarquistas mais publicados em língua portuguesa até a década de 1930 foram Kropotkin, Jean Grave, Elisée Reclus, Ricardo Mella, Sebastien Faure e Errico Malatesta e, os brasileiros mais publicados seriam *Benjamin Mota*, José Oiticica e Maria Lacerda de Moura”

(GONÇALVES; SILVA, 1999, p. 26-27, grifo nosso).

No livro *Rebeldias*, Benjamin define e distingue duas correntes do socialismo: socialismo libertário e socialismo autoritário. “O socialismo autoritário, o socialismo que aceita a luta eleitoral e trabalha pela conquista dos poderes públicos, só quer a mudança de senhor” (REBELDIAS, 1889, p. 54). Diferente do socialismo libertário, que aparece como sinônimo de anarquismo, cujos defensores acreditam que “a sociedade não precisa de leis, nem de códigos; [...] os anarquistas trabalham, não em proveito próprio, mas para regenerar a humanidade, elevando moralmente o indivíduo, enquanto, enfim, os anarquistas creem num renascimento humano” (REBELDIAS, 1889, p. 55).

Em 1889, portanto, Benjamin defini-se anarquista. É o que pode ser extraído de várias passagens do livro. Argumentava: “em busca da verdade evolui sempre, e de evolução em evolução, mas evolução consciente, nascida do estudo da questão social e das ciências, cheguei até o anarquismo” (REBELDIAS, 1898, p. 11).

4. Advogado anarquista?

A partir de 1899, Benjamin Mota é citado nos jornais acompanhado da qualificação profissional “advogado”. Aparece em matérias da época como um “representante do proletariado”. Em um anúncio que circulava no jornal anticlerical que dirigia, lê-se: “trabalha gratuitamente para todos os cidadãos, qualquer que seja a sua crença política, que sofram processos em consequência de manifestarem livremente as suas opiniões” (A LANTERNA, 07/03/1901, p. 4).

A partir disso, duas perguntas exigiam respostas: (I) por que Benjamim Mota se interessou pela advocacia? e (II) como havia conseguido exercer esta profissão, se não era bacharel em Direito? Embora a maioria dos anarquistas atuasse mediante ação direta e pela propaganda na imprensa, é comprovado através de pesquisas históricas, que adeptos do anarquismo e do socialismo atuaram na advocacia. Um exemplo conhecido é o socialista Evaristo de Moraes (1871-1939) que seguiu a carreira do jornalismo e da advocacia atuando no Rio de Janeiro.

Essa, portanto, tornou-se a principal hipótese. Como demonstra Edmundo Coelho no livro “Profissões imperiais”, “o problema é que muito pouco há o que dizer sobre a massa de advogados, [...] sobre os que não deixaram rastro nos arquivos e que a história ignora” (COELHO, 1999, p. 96). O modelo de funcionamento da advocacia no Brasil no século XIX era plural. Havia a figura dos bacharéis em direito, que possuíam o diploma, requisito suficiente para exercer a profissão. Havia os advogados provisionados, aqueles que não tinham título acadêmico, mas se submetiam a exames teóricos e práticos e, se aprovados, poderiam exercer a profissão de advogado em locais com poucos bacharéis. Existia também a figura dos solicitadores, também sem diploma, superavam exames práticos perante os juízes e estavam aptos para a rotina diária da advocacia nos fóruns do país. Tanto os advogados provisionados quanto os solicitadores precisavam renovar sua licença para exercer tal profissão.

Durante a Primeira República, nas notícias dos jornais, Benjamim Mota é citado como advogado, o que sugere que a imprensa não fazia distinção entre advogados formados, provisionados e solicitadores. Só depois de 1930, é possível encontrar na imprensa a

qualificação de “solicitador” para Benjamim Mota, exclusivamente, quando se trata de notas oficiais como do Tribunal de Justiça e Tribunal de Apelação.

É provável que “o grosso da advocacia era feito por advogados provisionados, por solicitadores ou mesmo por leigos e não era raro que rábulas estabelecessem reputação de notório saber jurídico” (COELHO, 1999, p. 235). Isso não exclui, porém, a existência de uma “elite de profissionais” que para serem contratados demandam elevadas quantias, o que fazia destes inacessíveis ao público geral. A cultura do bacharelismo neste período se interligava a cultura do poder, sobretudo, político.

Benjamim Mota optou por trilhar outros caminhos. Defendeu várias causas de trabalhadores e pessoas sem condições financeiras, muitas vezes, presas de forma arbitrária pela polícia. Foi um defensor da greve. Em 1902, por exemplo, apoiou a causa dos chapeleiros, conforme se verifica nos relatos do jornal:

Ultimamente os chapeleiros de Sorocaba exprimiram a sua solidariedade para com os companheiros grevistas desta cidade, oferecendo o seu auxilio material. No passado domingo partiram para essa cidade os operários Arthur Hersch, Armino Zamboni, José de Souza Ramos, Henrique Arappe, acompanhados pelo camarada Benjamim Mota. Às 10 horas da manhã, chegaram, à estação de Sorocaba, onde eram esperados pelos companheiros, que, em numero de 45 assistiram depois a uma sessão, onde falaram o chapeleiro Sorocabano Pedro Marcellino, dando boas vindas, e o camarada Hirsch, apresentando Benjamim Mota, que tratou das <<Ligas de Resistência >> durante

uma hora. Neste sentido, falou ainda o companheiro Pereira. Ficou organizada uma seção da <<Liga de Resistência entre chapeleiros>> de S. Paulo. Saudando os grevistas, separaram-se os operários, que de novo se reuniram à noite, no Circulo Socialista; onde Benjamim Mota retomou a palavra para explicar a conveniência d'um acordo entre todos os socialistas para o bem da propaganda incipiente no Brasil, para se organizar o proletariado brasileiro (O AMIGO DO POVO, 19/04/1902, p. 2, grifo nosso).

Benjamim Mota é um nome presente em vários jornais da época. Em 1919, o periódico anarquista *A Plebe*, narra o seguinte caso: “A polícia mentiu e o Tribunal mentiu também. O *nosso camarada advogado* impetrou ao Tribunal uma ordem de habeas-corpus, em favor dos operários Manuel Perdigão e Affonso Moreno presos em Santos” (A PLEBE, 1919, p.4, grifo nosso). Esse relato demonstra que Mota renovava continuamente a licença para advogar e defender muitos operários. Era um jornalista, um militante e um advogado. Exercia as três atividades de maneira integrada.

Em 1940, o jornal *Correio Paulistano* traz a nota de falecimento de Benjamim Mota. Com ela, mais dados sobre este personagem e sua família, conforme pode ser visualizado abaixo:

FALECIMENTOS

Benjamim Franklin Silveira da Mota – Faleceu, ontem, nesta capital, com 70 anos de idade, o sr. Benjamim Franklin Silveira da Motta, deixando viúva a sra. d. Annita Silveira da Motta.

Era irmão dos dr. Renato Fulton Silveira da Motta, juiz aposentado;

Mario Silveira da Motta, funcionário da Secretaria da Fazenda; João Evangelista Silveira da Motta, diretor aposentado da Escola de Aprendizes Artífices.

Era tio do dr. Paulo Alfredo Silveira da Motta, delegado da Ordem Política e Social; e do engenheiro Renato Motta Filho.

O falecido era filho do dr. Alfredo Silveira da Motta e da sra. d. Augusta Silveira da Motta, já falecidos; sobrinho do saudoso almirante Jaceguay.

Benjamim Motta, militou durante muitos anos no jornalismo. Profissional competente e experimentado, pena brilhante e combativa, com larga folha de serviços à Imprensa do país, trabalhou em jornais do Rio, de São Paulo e de Santos, sendo figura bastante estimada e respeitada pela independência de suas ideias.

O seu sepultamento realiza-se, hoje, às 15 horas, saindo o ferreiro da rua Pedroso, 229, para o cemitério da Consolação.

A família pede não sejam enviadas coroas nem flores. (CORREIO PAULISTANO, 11-12-1940, p. 4)

Conclusão

Benjamim Mota na historiografia aparece como “advogado republicano” (ABREU, 2015, s/p), “advogado, tipógrafo e militante socialista” (ANDRADE, 2010, p. 8), “advogado anarquista” (DULLES, 1977, p. 20), “advogado, maçom, [que] reivindicava-se anarco-comunista” (MIRANDA, 2006, p. 20). Estas definições, porém, não respondem quem era esse personagem, quais suas convicções, controversas e atuações naquele período da história brasileira.

Nesse sentido, este artigo ratifica a ideia de que “para levantar o trabalho deste jornalista, do advogado, que estava sempre pronto a defender os humildes operários e anarquistas nos tribunais brasileiros (podendo eles pagar ou não) e livrá-los das garras policiais, seria preciso um volume de duas centenas de páginas” (RODRIGUES, 1994, p. 115-116).

Porém, através dos rastros de jornais foi possível verificar que além de advogar gratuitamente para cidadãos e militantes da época, Benjamim Mota teve uma vida pública intensa, uma rede plural de amigos e inimigos, projetos sociais compartilhados, ideias controversas, (des)afetos e dissidências silenciadas na história do movimento operário brasileiro.

Nessa época, circulavam jornais de várias vertentes ideológicas e com estratégias de lutas distintas, há relatos na historiografia que “dentre os editores “perigosos” que atuaram em São Paulo cabe ressaltar: *Benjamim Mota*, o italiano Luigi (Gigi) Damiani, [...], o português Gregório Nazianzeno Moreira de Queiroz e Vasconcelos, também identificado como Neno Vasco [...]” (CARNEIRO; KOSSOY, 2003, p. 29, grifo nosso).

Por que o pensamento de Benjamim Mota pode ser interpretado como perigoso? Seja no jornalismo ou nos Tribunais, ele apontava as contradições reais das desigualdades na sociedade brasileira, a violência diária contra os pobres e o não cumprimento da lei por aqueles que deveriam respeitá-las. Por que, então, ele é um nome ausente na história do direito? Por que ele estava ao lado dos subalternos? Resta-nos, enquanto historiadores, seguir os rastros

destes personagens anônimos que lutaram por justiça social neste país. Em um relato autobiográfico, dizia Benjamim Mota: “Eu, portanto, com os olhos voltados para essa Sociedade de Paz e Amor, que não chegarei a ver e com o coração transbordado de afeto por todos que lutam por uma transformação social, entre a trilhar um novo caminho, na esperança de poder assim ser mais útil aos meus concidadãos e a *Humanidade...*” (A VANGUARDA, Santos, 26.10.1908).

Referências

- ABREU, Alzira Alves de [coord]. **Dicionário histórico-biográfico da Primeira República: 1889-1930.** [Recurso eletrônico], 2015.
- BATALHA, Claudio H. M. Formação da classe operária e projetos de identidade coletiva. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília A. N. (Orgs.). **O Brasil Republicano – O tempo do liberalismo excludente.** Da Proclamação da República à Revolução de 1930. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008, p. 161-189.
- COELHO, Edmundo Campos. **As Profissões Imperiais: Medicina, Engenharia e Advocacia no Rio de Janeiro. 1822-1930.** Rio de Janeiro, Record, 1999.
- DE LUCA, Tânia Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.). **Fontes Históricas.** São Paulo: Contexto, 2005.
- DULLES, John W. F.. **Anarquistas e comunistas no Brasil: (1900-1935).** 2. ed.. rev. ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- GINZBURG, C. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição.** Edição de Bolso. São Paulo: Cia das Letras, 2006.
- GONÇALVES, Adelaide; SILVA, Jorge E. **A bibliografia libertária: um século de anarquismo em língua portuguesa.** São Paulo: Imaginário, 1999.
- LAMOUNIER, Aden Assunção. **José Oiticica: itinerários de um militante anarquista (1912-1919).** Dissertação de Mestrado apresentada ao

Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Estadual de Londrina- UEL. Londrina, 2011.

LOPREATO, C. S. R.. **O (des)encontro do Brasil consigo mesmo**: ditos e escritos de Edgard Leuenroth. Verve (PUCSP), v. 15, 2009.

LORIGO, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques. **Jogos de escalas**: a experiência da microanálise. Rio de Janeiro: FGV, 1998, p. 225-250.

_____. Entrevista. In: SOUZA, Adriana Barreto de; LOPES, F. H. **Entrevista com Sabina Lorigo**: a biografia como problema. Ouro Preto: Revista História da Historiografia, 2012, p. 26-37.

MIRANDA, Jussara Valeria. **“Recuso-me”!** Ditos e escritos de Maria Lacerda de Moura. Dissertação. Uberlândia: UFU, 2006.

MOTA, Benjamim. **Rebeldias**. Segundo Milheiro. São Paulo, 1898.

_____. **A razão contra a fé**. Análise das Conferências Religiosas do Padre Dr. Julio Maria. 3 ed. Edição do autor, 1933.

RODRIGUES, Edgar. **Os Companheiros**. Vol 1. VJR: Rio de Janeiro, 1994.

TOLEDO, Edilene. **O Amigo do Povo**: grupos de afinidade e a propaganda anarquista em São Paulo nos primeiros anos deste século. Campinas, SP: [s.n.], 1993. Dissertação de Mestrado. IFCH / UNICAMP.

_____. **Anarquismo e sindicalismo revolucionário**: trabalhadores e militantes em São Paulo na Primeira República. Rio de Janeiro: Fundação Perseu Abramo, 2004.

_____. **Imigração, sindicalismo revolucionário e fascismo na trajetória do militante italiano Edmondo Rossoni**. Cadernos Arquivo Edgard Leuenroth (UNICAMP), v. 15, p. 119-169, 2009.

*Recebido em 2018-09-30
Publicado em 2019-02-06*